

# Das toaletes de Tóquio ao ChatGPT: relato de uma pequena experiência analítica

Sérgio Telles

**Sérgio Telles** é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Resumo** O autor relata uma experiência simples que fez com o ChatGPT ao lhe solicitar a interpretação de um filme, de um “sonho”, de um relato do pedido de uma criança e de uma “situação clínica”, visando comparar suas próprias interpretações com as fornecidas pela Inteligência Artificial. A pertinência e correção das interpretações produzidas pelo ChatGPT despertou reflexões e indagações que o autor compartilha com os leitores.

**Palavras-chave** interpretação psicanalítica; sonho; ChatGPT; uso psicoterapêutico da inteligência artificial; projeções futuras.

**DOI:** 10.70048/percurso.74.53-64

Ainda não muito difundido no Brasil, o uso de Inteligência Artificial (IA) para fins de atendimento psicoterápico nas mais diversas abordagens é uma realidade nos Estados Unidos, como diz Jess McAllen<sup>1</sup>. Como mostra a autora, programas de saúde do governo e as companhias de seguro estão atentas ao assunto e procuram sistematizar a aplicação da IA em atendimentos de massa, suprimindo a crescente procura e a escassez de profissionais ou contornar os custos proibitivos do tratamento psicoterápico para a maioria da população<sup>2</sup>.

No buscador do Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP-WEB), o termo “Artificial Intelligence” remete a 466 artigos<sup>3</sup>. Já sobre a inteligência artificial generativa, talvez por ser mais recente, encontram-se apenas 12 trabalhos, nenhum tratando o assunto como o faz Lance Eliot.

Autoridade mundial em IA seguido por milhões nas redes sociais, Lance Eliot foca seu interesse especificamente na ligação da IA com a psicanálise. No artigo “How psychoanalysis can be used to study AI’s complexities”<sup>4</sup>, faz uma apresentação sintética do funcionamento da inteligência artificial generativa e estabelece linhas de exploração para um trabalho conjunto entre os dois campos. Uma delas diz respeito à saúde psíquica dos programadores, campo em que a psicanálise seria decisiva. É conhecido o caso da REPLIKA, um programa de atendimento psicoterapêutico que teria induzido os usuários à depressão ou a tentativas de suicídio, o que foi atribuído ao estado melancólico de seu criador, que havia perdido um ente querido na ocasião em que produzia os algoritmos do *chatbot*<sup>5</sup>. Outra linha de pesquisa seria

1 J. McAllen, “The therapist in the machine”, *The Baffler*.

2 Citados no texto de McAllen, alguns desses programas podem ser acessados na rede: “Broken Bear”, “Elomia”, “Meomind”, “Wysa”, “PsyScribe”, “Lotus Youper”, “Pi AI”, “Suno” e “Xaia”.

3 Pesquisado em 6 nov. 2024.

4 L. Eliot, “How psychoanalysis can be used to study AI’s complexities”, *forbes.com*.

5 L. Possatti, “Psychoanalyzing artificial intelligence: the case of Replika”, *AI & Society*.



*Lance mostra a imprevista afinidade  
entre uma criação científica de ponta  
(a IA generativa) e a psicanálise,  
cuja morte por obsolescência  
já foi muitas vezes decretada  
pela própria “ciência”*

investigar como a inteligência artificial generativa responderia diretamente a questões ligadas a associações livres, ao sonho, à transferência e à resistência. Para tanto, Lance interage diretamente com o computador, revezando com ele os papéis de analista e analisando: ora a IA exerce a função de analista enquanto Lance age como paciente, contando-lhe situações e narrativas a serem interpretadas; ora Lance tenta “analisar” a IA, pesquisando suas “associações” e “resistências”.

Lance mostra a imprevista afinidade entre uma criação científica de ponta (a IA generativa) e a psicanálise, cuja morte por obsolescência já foi muitas vezes decretada pela própria “ciência”. Como Lance<sup>6</sup> indica, são muitas as questões que surgem desse inesperado encontro, especialmente as de ordem ética.

Neste artigo, replico uma das simples experiências relatadas por Lance: estabeleci um diálogo com o *chatbot* e aqui reproduzo minhas perguntas e as respostas obtidas.

Tendo escrito um texto sobre o filme *Dias perfeitos*, de Wim Wenders, quis comparar minhas interpretações com as que o ChatGPT faria. A resposta instantânea me surpreendeu e me motivou a fazer outras perguntas ao *chatbot*.

Assim, faremos uma digressão em torno do filme *Dias perfeitos* antes de chegarmos às questões propriamente ligadas à relação entre psicanálise e IA.

1

Nos preparativos para as Olimpíadas de 2020, a prefeitura de Tóquio organizou o projeto “The

Tokyo Toilet” visando à feitura de novos banheiros públicos. Os melhores arquitetos criaram estruturas originais, com design arrojado e inovações tecnológicas. Convidado a realizar um documentário, Wim Wenders se entusiasmou com a beleza das construções e resolveu fazer um filme de ficção, tendo como protagonista Hirayama, um limpador de banheiros funcionário da Tokyo Toilets.

Hirayama cumpre com eficiência e satisfação suas funções. Mora numa casa modesta e segue uma imutável rotina diária. Gosta de ler, da música popular norte-americana dos anos 1970, de observar a natureza e fotografar árvores, especialmente o *Komorebi*, ou seja, o rendilhado de sombra e luz produzido pelos raios do sol ao atravessar as folhagens, imagem rica de simbolismo na cultura japonesa. Hirayama não fala muito, parece estar em paz consigo mesmo e com as poucas pessoas com quem convive. Mas a visita inesperada de uma sobrinha traz de volta o passado e rompe com esse estado de coisas. Na curta temporada que passaram juntos até sua mãe vir buscá-la, surgem vários aspectos de sua vida até então desconhecidos. A irmã vem num automóvel de luxo com motorista e se surpreende com sua casa humilde, indicando como não se viam há tempos. Pergunta se é verdade que ele trabalha limpando banheiros e diz que o pai está demenciado, internado numa casa de repouso. Ela o chama para visitá-lo, o que Hirayama recusa, apesar de ela dizer que o pai “não age mais como antigamente”. A irmã o presenteia com o chocolate de que ele gostava quando criança e vai embora. O encontro o abala fortemente, deixando-o em prantos. Nesse contexto, pela primeira vez a câmera mostra uma grande estante de livros que ocupa toda uma parede de seu quarto. Se já se sabia de seu amor à leitura de autores americanos, como William Faulkner e Patricia Highsmith, agora fica explícito que ele é um homem culto e educado, do mesmo estrato social da irmã, o que – de imediato – torna sintomáticas a escolha de seu trabalho e sua dedicação a ele, um dos mais humildes e, evidentemente, muito aquém de suas possibilidades. O encontro com os familiares

provoca uma mudança em Hirayama, ele sai da solidão em que vivia e procura encontrar o amor na dona do restaurante que frequenta.

À primeira vista, o filme parece uma ode à paz e simplicidade. O desprendimento dos bens materiais, o voltar-se para a meditação e a interioridade, a busca da simplicidade e humildade, decorrentes de uma atitude filosófica ou religiosa por parte de Hirayama.

Entretanto, uma observação mais atenta da estrita rotina de Hirayama na limpeza rigorosa dos sanitários evoca os rituais ligados às funções excretórias, o universo da fase anal do desenvolvimento da libido.

São conhecidos os impactos causados na criança pela aquisição do controle esfíncteriano. O treinamento das práticas de higiene e a disciplina imposta pela mãe exacerbam nela sentimentos ambivalentes de amor e ódio. As fezes passam a ser concebidas pela criança ora como uma dádiva amorosa para a mãe querida que satisfaz seus desejos, ora como uma bomba fétida e imunda com a qual ataca a mãe odiada que a frustra, impondo-lhe limites. A ambivalência e a agressividade características dessa fase muitas vezes são substituídas defensivamente por formações reativas, que as transformam no oposto, numa excessiva gentileza e bondade.

Seriam então espontâneas e legítimas as condutas de Hirayama, ou decorreriam de fortes mecanismos compensatórios repressivos para lidar com conflitos intensos em uma estrutura obsessiva? Essa suspeita inicial e mantida em suspenso parece confirmar-se com o aparecimento da sobrinha e da irmã, que desestrutura a organização defensiva de Hirayama, expondo o que ele até então controlava com tanto esforço. Sua biblioteca, que revela sua condição de homem instruído, deixa evidente a dimensão sintomática de seu trabalho como faxineiro de banheiro público. Por que alguém qualificado escolheria tal

»  
*o comportamento manifesto  
de bondade e delicadeza  
do obsessivo é muitas  
vezes decorrente de formações  
reativas do ódio,  
da agressividade reprimidas*

atividade profissional? Seria uma forma de punição inconsciente por crimes cometidos, real ou fantasiosamente?

Aí está um ponto central, de implicações éticas e filosóficas, referente às considerações da psicanálise sobre o bem e o mal<sup>6</sup>. A neurose obsessiva expõe claramente essa questão, que é mais ampla e não se restringe a esse quadro. O comportamento manifesto de bondade e delicadeza do obsessivo é muitas vezes decorrente de formações reativas do ódio, da agressividade reprimidas. Isso não quer dizer, evidentemente, que todas as expressões de amor e gentileza sejam fruto de formação reativa. As legítimas manifestações amorosas, no sentido mais amplo, são fruto de amadurecimento, integração, elaboração, sublimação, abandono do narcisismo e cuidado com o outro etc.

Ao discutir com um colega a dimensão sintomática da “escolha” do trabalho de Hirayama, ele alegou que poderia haver na argumentação uma valorização preconceituosa da riqueza (a irmã como modelo a ser seguido) e um menosprezo pela pobreza (a humildade espartana de Hirayama). É importante desfazer esse possível equívoco. Todo trabalho é digno; o lavador de banheiros, o lixeiro, o coveiro merecem todo respeito pela função social necessária que exercem. O problema com Hirayama é de outra ordem. Uma coisa é alguém se dirigir a essas tarefas situadas na base da pirâmide social por absoluta falta de alternativa e preferir executá-las ao invés de cair na criminalidade, outra coisa completamente diferente é ter recursos financeiros, educacionais, culturais – ou seja, poder executar ocupações compatíveis com essas dotações

6 L. Eliot, Using generative AI as your own Sigmund Freud psychoanalyst to freely reveal your deep-rooted personal issues (*forbes.com*).

7 S. Telles, “Observações sobre ética em psicanálise”, in *Ensaio clínico*.



*os tabus contra as excreções  
são evidentes nas artes; na literatura,  
são poucos os escritores que  
as mencionam, entre eles James Joyce,  
no capítulo 4 de Ulisses.*

e “escolher” tarefas desse tipo. Impossível não ver essa “escolha” como sintomática.

Não é fácil aceitar essa interpretação. É preferível pensar que Hirayama fez uma “escolha” espiritualizada, optou deliberadamente pela simplicidade e humildade que o levariam para patamares transcendentes mais elevados. A beleza formal do filme leva a isso. O Hirayama de Wenders é um personagem doce e tranquilo, que vive num mundo em que a agressividade e destrutividade parece não existirem.

Mas é enganosa a visão de mundo criada por Wim Wenders, pois, na verdade, a agressividade e a destrutividade estão presentes, apenas não são visíveis por estarem internalizadas por Hirayama, que as volta contra si mesmo, impedindo-se dessa forma de usufruir dos recursos psíquicos e materiais que poderia dispor e que o obrigam (como um castigo?) a exercer um trabalho muito abaixo de suas capacitações, a viver isolado, sem o conforto e o prazer de uma relação amorosa.

A interpretação desidealiza a figura e a vida idílica de Hirayama. Ele deixa de ser um homem santo, um iluminado e passa a ser como todos nós, alguém que tem de lidar com conflitos internos, lutar com sofrimentos reprimidos, solidão, infelicidade, isolamento, traumas não resolvidos. Por outro lado, a interpretação não anula a legitimidade da busca pela paz interior, da serenidade, do desprendimento das tentações materiais, mas as vê a partir de outros referenciais, como a sublimação e não da repressão, cisão ou negação.

Até aqui nos detivemos na análise do personagem Hirayama, mas o filme pode ser visto sob outros ângulos.

Nossas funções fisiológicas, marcas ineludíveis de nossa animalidade, ocupam diferentes lugares nos rituais socioculturais. Enquanto o comer se transforma em banquetes cerimoniais de grande relevância simbólica (a começar pelo banquete totêmico), o sexo e a excreção são cercados de tabus e, especialmente a última, dificilmente chegam ao espaço público, a não ser em pizações obscenas e escatológicas. Um bom exemplo disso é o filme *Satyricon* de Fellini, que inverte a ordem dos costumes e tabus: numa festa, os convidados defecam publicamente e se escondem para comer.

*Dias perfeitos* segue os ditames da prefeitura de Tóquio, que abandona o costume de relegar os banheiros a lugares pouco visíveis, quase escondidos, e os transforma em algo vistoso, chamativo, com preocupações arquitetônicas. Dessa maneira, faz com que os hábitos excretórios deixem de ser algo tido como sujo e vergonhoso e passem a ter a dignidade que merecem enquanto parte de nossa realidade biológica.

Os tabus contra as excreções são evidentes nas artes; na literatura, são poucos os escritores que as mencionam, entre eles James Joyce, no capítulo 4 de *Ulisses*.

## 2

Como disse antes, finalizado o texto sobre o filme de Wim Wenders, segui a já mencionada experiência de Eliot Lance, em que dialoga diretamente com o *chatbot*, alternando com ele o papel de analista e analisando. Aqui, o objetivo era comparar minha interpretação de *Dias perfeitos* com a que daria o ChatGPT.

*Sem lhe fornecer meu texto, perguntei-lhe: qual é a interpretação psicanalítica do filme Dias perfeitos, de Wim Wenders?*

Eis sua resposta:

Uma interpretação psicanalítica do filme *Dias perfeitos* (2023), dirigido por Wim Wenders, pode ser realizada a partir da análise dos aspectos subjetivos, simbólicos e inconscientes dos personagens e da narrativa. O filme é



uma meditação visual sobre a rotina e a interioridade de um homem que trabalha como limpador de banheiros públicos em Tóquio, destacando temas como a solidão, a repetição e o minimalismo da vida cotidiana. Vamos explorar alguns dos elementos psicanalíticos que podem ser extraídos dessa obra:

#### 1. Repetição e a busca pelo significado

Hirayama, o protagonista, tem uma vida marcada pela repetição: acorda todos os dias na mesma hora, segue o mesmo ritual matinal e realiza o mesmo trabalho com atenção aos mínimos detalhes. Na perspectiva psicanalítica, a repetição pode ser vista como uma forma de tentar lidar com traumas passados ou com conflitos internos não resolvidos. A repetição obsessiva é um conceito freudiano que diz respeito à compulsão de repetir experiências passadas como uma tentativa inconsciente de resolvê-las.

No caso de Hirayama, sua rotina parece oferecer uma espécie de equilíbrio e segurança diante da complexidade emocional ou do vazio existencial. A repetição também pode simbolizar um bloqueio na vida psíquica do personagem, como se ele estivesse preso em um ciclo do qual não consegue sair.

#### 2. O silêncio e a introspecção

O silêncio predominante no filme, tanto no ambiente quanto no comportamento do protagonista, pode ser interpretado como uma metáfora para o inconsciente. O silêncio e a falta de diálogo permitem que a narrativa psíquica do personagem emergja de maneira sutil, convidando o espectador a mergulhar em seus processos internos.

Hirayama parece evitar o contato emocional profundo com os outros, o que pode ser visto como um mecanismo de defesa, um isolamento emocional que protege seu “eu” de confrontar sentimentos dolorosos ou reprimidos.

#### 3. O banheiro como espaço simbólico

O espaço dos banheiros públicos, onde Hirayama trabalha, também pode ser analisado psicanaliticamente. Banheiros são locais de purificação, limpeza e renovação, mas também são associados ao privado e ao íntimo, onde as questões do corpo e da higiene pessoal são

*o silêncio predominante  
no filme, tanto no ambiente  
quanto no comportamento  
do protagonista, pode ser  
interpretado como uma metáfora  
para o inconsciente [ChatGPT]*

confrontadas. A dedicação minuciosa de Hirayama ao seu trabalho pode ser interpretada como uma tentativa de limpar ou purificar aspectos internos de si mesmo, talvez lidando com emoções reprimidas ou angústias inconscientes.

Além disso, o banheiro pode simbolizar um espaço de transformação psíquica, um lugar onde o personagem se isola para lidar com suas questões internas sem ser perturbado pelo mundo exterior.

#### 4. Solidão e relacionamentos

Ao longo do filme, Hirayama tem poucos encontros com outras pessoas, mas eles são carregados de significados. Esses breves encontros podem ser vistos como janelas para o mundo emocional reprimido de Hirayama. A psicanálise coloca uma ênfase significativa nas relações interpessoais como fontes de conflito e de cura emocional. Em *Dias perfeitos*, as interações de Hirayama com os outros, especialmente com sua sobrinha, sugerem uma tentativa de reconexão com aspectos da vida que ele talvez tenha evitado.

A solidão de Hirayama pode ser vista como uma manifestação de isolamento emocional, uma barreira que ele construiu para evitar confrontar suas próprias dores e vulnerabilidades. Ao mesmo tempo, a psicanálise também reconhece a necessidade do sujeito de ser reconhecido e de se conectar com o outro, o que está implícito nas pequenas interações de Hirayama ao longo do filme.

#### 5. O inconsciente e o cotidiano

Wenders constrói o filme em torno de um cotidiano minimalista, onde pequenos detalhes visuais e gestos silenciosos sugerem muito sobre o estado psíquico do personagem. Essa sutileza lembra a maneira como o





*pensei que o ChatGPT poderia ter sido previamente alimentado com esse conteúdo específico (a interpretação do filme de Wenders)*

inconsciente se manifesta na vida cotidiana — não de forma explosiva ou dramática, mas através de lapsos, repetições e pequenos gestos que revelam os desejos e medos ocultos.

Ao prestar atenção à rotina de Hirayama, o filme nos convida a observar o que está por trás dessa fachada aparentemente tranquila: um mar de emoções e pensamentos não verbalizados, que são a matéria-prima da psicanálise.

#### Conclusão

A psicanálise oferece uma lente rica para interpretar *Dias perfeitos* de Wim Wenders, focando nos temas da repetição, do inconsciente e dos mecanismos de defesa do protagonista. O filme nos conduz por uma jornada interna de um homem que parece encontrar uma forma de equilíbrio em sua vida isolada, mas que, ao mesmo tempo, deixa entrever suas dores e conflitos internos através da linguagem silenciosa e dos rituais do cotidiano<sup>8</sup>.

A meu ver, as respostas do ChatGPT mostram-se corretas. Faz uso apropriado do corpo teórico da psicanálise. Parte do pressuposto da existência do inconsciente e uma estrutura defensiva que mantém a repressão. Ao comparar sua interpretação com minha própria, vejo que coincidimos no essencial, apesar de ter ela um enfoque mais vago, sem ressaltar diretamente alguns elementos que me parecem essenciais — o banheiro é concebido como um espaço “simbólico”, sem que seja mencionada a questão da analidade, que a meu ver é central na narrativa; da mesma forma, não se detém na dimensão sintomática do trabalho de Hirayama, nem explicita aspectos como sublimação,

formação reativa, sentimento de culpa inconsciente e punição.

Ao ler a resposta, pensei que o ChatGPT poderia ter sido previamente alimentado com esse conteúdo específico (a interpretação do filme de Wenders), de modo que ele já o teria armazenado em sua memória e a resposta que me dera prontamente não teria sido produzida por minha pergunta. Para dirimir a dúvida, resolvi testá-lo, introduzindo um texto meu em que criei uma situação clínica hipotética, ou seja, algo do que o ChatGPT *não* poderia ter conhecimento prévio e que o forçaria a criar a interpretação no ato.

Minha pergunta: “Um homem, filho único, cuja mulher está na primeira gestação, sonha com sua mãe afogando gatinhos num córrego que passava nos fundos de sua casa, algo que de fato ocorrera em sua infância. Qual seria a interpretação psicanalítica desse relato?”

Ao cunhar essa vinheta, tinha em mente os sentimentos arcaicos que a gravidez da mulher despertava num hipotético paciente — a reação agressiva e ciumenta ao nascimento do filho visto como rival e o desejo de eliminá-lo, tal como vivera em relação aos irmãos e que agora projeta na mãe. Embora o sonho revele também a intensa ambivalência em relação à mãe, minha interpretação enfatizava os ciúmes do paciente em relação ao futuro filho e não nos aspectos de sua relação com a mãe.

O ChatGPT disse:

A interpretação psicanalítica de um sonho como esse pode explorar diferentes simbolismos e emoções reprimidas, especialmente considerando a relação do sonhador com sua mãe e as circunstâncias atuais da sua vida (ser filho único e estar aguardando o nascimento do primeiro filho).

Aqui estão algumas possíveis linhas de interpretação:

1. Mãe afogando gatinhos: A imagem da mãe afogando gatinhos pode representar sentimentos de agressão, rejeição ou negligência materna. Na infância, pode ter havido uma sensação de ameaça ou insegurança em relação ao amor e cuidado maternos. Gatos são frequentemente

associados à ternura, vulnerabilidade e independência, e o ato de afogá-los pode simbolizar o desejo de suprimir ou controlar esses sentimentos.

2. Repressão de emoções: O córrego e a água são símbolos frequentemente associados ao inconsciente e às emoções reprimidas. O ato de afogar pode ser visto como uma tentativa de reprimir ou negar certos aspectos do *self* ou memórias dolorosas. Pode ser que o sonhador esteja reprimindo ansiedades ligadas ao seu papel de futuro pai ou às suas experiências com sua própria mãe.

3. Transição para a paternidade: A chegada do primeiro filho pode estar despertando ansiedades profundas sobre a relação que o sonhador teve com sua mãe. Ele pode estar preocupado em repetir padrões disfuncionais de criação ou em como será a dinâmica familiar daqui para frente. O sonho pode refletir medos inconscientes sobre não ser um bom pai ou não proteger adequadamente o filho.

4. Relação com o passado e o presente: Sendo filho único, o sonhador pode ter vivido uma relação intensa com sua mãe, e agora, ao se preparar para ter seu próprio filho, memórias antigas estão surgindo. A imagem da mãe no sonho pode simbolizar um conflito interno em relação ao papel parental e à própria infância. O afogamento dos gatinhos pode representar uma sensação de perda de inocência ou de um cuidado que não foi recebido de maneira adequada.

5. Culpa e responsabilidade: O ato de observar a mãe afogar gatinhos pode simbolizar um sentimento de impotência ou culpa, seja por eventos do passado ou pelo medo de falhar como pai. Ele pode estar revisitando um episódio de sua infância em que se sentiu incapaz de proteger algo ou alguém vulnerável.

Em resumo, esse sonho parece levantar questões sobre a relação entre o sonhador e sua mãe, bem como seus medos e ansiedades em torno de se tornar pai. Poderia refletir conflitos internos não resolvidos sobre sua própria criação e sobre como ele vai se comportar como figura parental. Interpretar esse sonho em um contexto

submeti ao ChatGPT uma outra questão: »

*“uma menina diz para a mãe que em seu aniversário de cinco anos deseja de presente um pênis igual ao de seu irmão, um ano mais velho. Qual seria a interpretação analítica disso?”*

de análise pode ajudar o sonhador a explorar suas ansiedades e a se preparar emocionalmente para essa nova fase da vida.

Satisfeito com a resposta, que no geral coincidia com a minha, submeti ao ChatGPT uma outra questão: “Uma menina diz para a mãe que em seu aniversário de cinco anos deseja de presente um pênis igual ao de seu irmão, um ano mais velho. Qual seria a interpretação analítica disso?” Tal questão me fora contada por um amigo como algo ocorrido em sua família.

O ChatGPT disse:

A declaração de uma menina de que deseja “um pênis igual ao de seu irmão” no aniversário pode ser interpretada à luz da psicanálise clássica, particularmente das teorias de Sigmund Freud sobre o desenvolvimento psicosssexual e as dinâmicas familiares.

Aqui estão algumas possíveis interpretações baseadas na psicanálise:

#### 1. Complexo de Édipo e Inveja do Pênis:

Segundo Freud, no estágio fálico do desenvolvimento psicosssexual (geralmente entre os três e seis anos de idade), as crianças começam a se tornar conscientes de suas diferenças anatômicas. A noção de “inveja do pênis” refere-se à ideia de que meninas, ao perceberem que os meninos possuem um pênis, podem sentir que lhes está “faltando” algo ou podem desejar ter esse órgão, acreditando que ele lhes dá poder ou vantagem.

- Inveja e desejo de igualdade: A menina pode estar expressando um desejo simbólico de igualdade com



*criei então uma situação  
em que a problemática  
analítica não mais dependesse  
exclusivamente do nível  
simbólico de comunicação*

o irmão, acreditando que ele tem algo valioso ou especial por ter um pênis. Ela pode associar isso a status ou poder, especialmente se perceber que o irmão é tratado de forma diferente ou recebe mais atenção.

Identificação com o pai ou irmão: Outro aspecto dessa fase é a identificação com o progenitor do mesmo sexo, mas às vezes a criança pode se identificar com o progenitor do sexo oposto. Nesse caso, o desejo pelo pênis poderia simbolizar uma identificação inconsciente com o pai ou o irmão, vendo neles características que ela gostaria de incorporar em si mesma.

## 2. Busca por poder e controle:

Na visão freudiana, o pênis simboliza poder e autoridade na estrutura social patriarcal. A criança pode estar expressando um desejo de ter acesso ao mesmo tipo de poder que ela acredita que o irmão possui. Isso pode refletir uma competição ou rivalidade com o irmão, na qual o pênis é visto como um símbolo de vantagem.

- ✦ Desejo de autonomia: O pênis pode ser visto como uma expressão de independência, e o pedido da menina pode sinalizar uma busca por mais autonomia ou controle, especialmente se ela se sentir limitada ou subordinada em comparação ao irmão.

## 3. Exploração da Sexualidade Infantil:

De acordo com Freud, as crianças dessa idade começam a explorar a própria sexualidade e a entender o corpo de maneira diferente. O desejo de ter um pênis pode também refletir uma curiosidade natural sobre as diferenças entre os sexos e uma fase de experimentação e descoberta sobre o próprio corpo e o corpo dos outros.

- ✦ Simbolismo do desejo: Mais do que um desejo literal por um pênis, pode simbolizar o interesse por entender as diferenças sexuais e as dinâmicas familiares. A criança pode estar tentando compreender seu próprio lugar no mundo, suas limitações e potencialidades.

## 4. Desejo de afeto ou aprovação:

Esse desejo também pode ser interpretado como uma forma de tentar ganhar mais atenção ou afeto da mãe ou do pai. A menina pode acreditar que, ao ter um pênis, será mais valorizada ou receberá a mesma atenção que o irmão.

## 5. Questionamento de gênero:

Embora na psicanálise clássica o foco esteja na questão da diferença anatômica e no poder simbólico do pênis, também é possível interpretar essa fala como uma exploração de identidade de gênero. No contexto contemporâneo, pode-se considerar que a criança está questionando ou experimentando papéis e identidades de gênero, mesmo que de forma inconsciente e imatura.

## Considerações finais:

Esse tipo de declaração, do ponto de vista psicanalítico, reflete mais a curiosidade infantil e as questões sobre identidade, diferença de gênero e poder, do que um desejo literal. As crianças frequentemente expressam desejos que são uma combinação de observações do mundo ao seu redor e dos processos internos de formação de identidade, e esses desejos podem ser reinterpretados à medida que amadurecem.

Uma abordagem analítica com foco em compreender o contexto emocional da criança, as dinâmicas familiares e as interações com o irmão seria importante para uma compreensão mais aprofundada do que esse desejo está simbolizando.

Até então, havia feito perguntas em que a interpretação dependia de conteúdos verbais, linguísticos, simbólicos. Criei então uma situação em que a problemática analítica não mais dependesse exclusivamente desse nível de comunicação, pois envolvia a resposta contratransferencial do analista. Perguntei:

“Paciente muito regredido evita falar sobre seus problemas que já tinha descrito para o analista. Na sessão, brinca, conta piadas, discute política. Cada vez que o analista aponta a fuga e resistência em encarar o que lhe ocorre, o paciente entra em sonolência, chega a dormir, gerando angústia e irritação no analista. Qual seria uma interpretação psicanalítica?”

O ChatGPT disse:

Essa situação clínica apresenta uma dinâmica complexa que pode ser analisada através de conceitos psicanalíticos, especialmente em relação à resistência, transferência e regressão.

#### 1. Resistência:

O comportamento do paciente sugere uma resistência significativa em confrontar seus problemas emocionais. A resistência, segundo Freud, é uma defesa inconsciente que impede o paciente de acessar conteúdos dolorosos ou conflituosos do inconsciente. Ao brincar, contar piadas e desviar o foco para temas como política, o paciente está evitando acessar as emoções e experiências que causam desconforto ou dor psíquica. A sonolência que surge toda vez que o analista aponta essa fuga pode ser interpretada como uma forma de resistência mais somática – o paciente adormece ou quase adormece para evitar o confronto com seus conteúdos internos.

#### 2. Regressão:

O fato de o paciente estar “muito regredido” indica um estado psicológico em que ele retorna a modos de funcionamento mais infantis e primitivos. A regressão pode ser um mecanismo de defesa usado para evitar a ansiedade gerada pela exploração de conflitos internos. O brincar pode ser visto como um comportamento regressivo, típico de fases anteriores do desenvolvimento, onde as responsabilidades e os conflitos emocionais complexos são evitados. A evasão dos problemas através de comportamentos lúdicos sugere que o paciente pode estar voltando a um estado infantil de busca por conforto e segurança.

#### 3. Transferência:

A irritação e angústia que o analista sente podem ser uma indicação de uma transferência negativa, ou seja,

*a angústia que o analista sente pode ser uma resposta contratransferencial ao estado de resistência do paciente. A contratransferência pode ser utilizada como uma ferramenta diagnóstica [ChatGPT]*

o paciente projeta no analista uma figura autoritária ou crítica, o que pode levar à resistência em falar sobre suas questões pessoais. O comportamento sonolento pode ser uma forma de desinvestimento da relação transferencial – ao invés de investir energia emocional na análise, o paciente se desliga. Alternativamente, o sono pode simbolizar uma defesa passiva, onde o paciente não precisa lidar ativamente com os sentimentos despertados na relação analítica.

#### 4. Identificação com o sintoma ou resistência ao insight:

A sonolência do paciente também pode representar uma *identificação com o sintoma*. Ele evita o insight – a consciência de seus problemas – porque a descoberta e a compreensão do que está no inconsciente podem ser extremamente ameaçadoras. A resistência ao insight pode ser interpretada como um medo profundo de perder a identidade ligada aos sintomas, que, em alguns casos, são a única forma de estruturação psíquica disponível para o paciente.

#### 5. Contratransferência:

A angústia e irritação que o analista sente podem ser uma resposta contratransferencial ao estado de resistência do paciente. A contratransferência, que envolve as reações emocionais inconscientes do analista, pode ser utilizada como uma ferramenta diagnóstica para entender o que o paciente está provocando inconscientemente no processo analítico. A irritação pode ser um reflexo da frustração do analista ao tentar ajudar um paciente que não está disposto ou preparado para enfrentar seus problemas.

#### Conclusão:

A sonolência, as piadas e a evasão do paciente refletem formas complexas de resistência e mecanismos





*a esse respeito fiz a seguinte pergunta: “Se a interpretação psicanalítica ocorre numa relação transferencial-contratransferencial, qual a validade da interpretação analítica que você pode fazer?”*

de defesa, como a regressão e a negação. O trabalho do analista, neste caso, seria tentar acolher e interpretar essas defesas sem gerar mais resistência, permitindo que o paciente gradualmente se sinta seguro para acessar seus conteúdos inconscientes. A irritação do analista pode ser um indicador importante de como o processo transferencial está se desenvolvendo, e é fundamental para a compreensão do impasse na análise.

Mais uma vez, achei pertinente a resposta e encerrei minhas perguntas.

### 3

#### Algumas reflexões

Comparo minha interpretação do filme de Wim Wender com a do ChatGPT e lhe apresento três “materiais clínicos”, solicitando que os interpretasse: um “sonho”, o possível relato de um desejo de uma menininha e uma situação diretamente “clínica”. As respostas pareceram-me corretas. Fiz outras perguntas ao ChatGPT, que não estão aqui relatadas, sobre os mais variados assuntos, obtendo sempre respostas instantâneas e satisfatórias. Importante salientar que qualquer um pode fazer experiências semelhantes<sup>9</sup>.

A precisão e acuidade das interpretações poderiam alimentar a fantasia frequente de que a IA tornaria obsoleta a presença humana, aqui, no caso, do psicanalista. Ao ser indagado sobre essa possibilidade, o próprio ChatGPT a rejeita, afirmando que a interpretação psicanalítica tem uma dimensão transferencial-contratransferencial,

fruto de uma relação afetiva entre dois seres humanos, coisa que ele jamais poderá estabelecer.

Além do mais, como diz Eli Zaretsky<sup>10</sup>, há algo que a IA não pode fazer, apesar de sua formidável potência de articular dados e integrar conhecimentos. Pelo menos até o momento, ela não sabe fazer associações livres, esse tipo especial de encadeamento de ideias regido pelo desejo, que expressa as manifestações do inconsciente no relato do paciente e na interrelação com o analista.

A esse respeito fiz a seguinte pergunta: “Se a interpretação psicanalítica ocorre numa relação transferencial-contratransferencial, qual a validade da interpretação analítica que você pode fazer?”

O ChatGPT respondeu:

A interpretação psicanalítica, no contexto clínico, ganha profundidade e nuances pela relação transferencial e contratransferencial entre o analista e o analisando, uma dinâmica que ocorre em tempo real e envolve as experiências subjetivas e inconscientes de ambos. Sem essa relação, o alcance de uma interpretação perde a vivacidade e a precisão que emergem diretamente das interações afetivas e emocionais no *setting* analítico.

No caso de uma interpretação feita aqui, ela não se baseia em uma transferência pessoal e direta com você, o que significa que não há uma contratransferência da minha parte nem um campo intersubjetivo. No entanto, a interpretação que eu ofereço pode ter validade se entendida mais como uma reflexão hermenêutica e informada pela teoria psicanalítica, onde a interpretação é construída a partir de conceitos e estruturas que a psicanálise desenvolveu, como se fosse uma “leitura” dos temas ou símbolos em questão.

Assim, as interpretações que apresento são limitadas, mas podem ainda oferecer insights úteis, justamente por serem formulações baseadas em conhecimento teórico e não em uma relação terapêutica direta. Isso também pode abrir espaço para uma reflexão que, em outro contexto, poderia se desdobrar em uma análise profunda num *setting* analítico tradicional.

Mais uma vez, pareceu-me adequada e pertinente a resposta obtida. Entretanto, devemos lembrar

que se o ChatGPT não é capaz de estabelecer uma contratransferência com o usuário (“paciente”) que o utilize para fins terapêuticos, este pode perfeitamente desenvolver uma transferência em relação ao *chatbot*, como afirma Leslie Chapman<sup>11</sup> e vimos no filme *Ela* (*Her*, 2013), dirigido por Spike Jonze.

O que apresento aqui é um relato inicial que levanta muitas questões a serem ampliadas, aprofundadas e investigadas. Listo abaixo as que me parecem mais prementes.

1. A interpretação é um tema amplo e profundo, que não poderei abordar aqui. O que me interessa é mostrar a capacidade interpretativa do ChatGPT e pensar como nós analistas vamos lidar com isso. A IA possibilita estabelecer um divisor de águas entre dois aspectos da interpretação: a dimensão hermenêutica e a dimensão transferencial, que são indissociáveis na prática do analista. Ao discriminar e isolar esses dois fatores, o ChatGPT possibilitaria investigar qual a importância e o poder terapêutico de cada um deles? É uma questão bastante delicada, pois a dimensão propriamente terapêutica da psicanálise é um tema de difícil abordagem. Talvez com essa discriminação tornada possível pelo ChatGPT poder-se-ia investigar melhor o que proporcionaria maior alívio à dor psíquica do analisando – a ampliação do conhecimento sobre seus conflitos inconscientes advinda do deciframento hermenêutico ou a atitude empática receptiva e de contenção, o contato afetivo próprio da relação transferencial-contratransferencial?
2. A coincidência entre a interpretação do analista e a do ChatGPT seria uma prova de que

9 O ChatGPT tem uma política de uso que estabelece limites e cuidados necessários. Ele autoriza a reprodução de todo o material produzido, desde que feita a referência da fonte. O *chatbot* informa que o material trazido pelo usuário (perguntas, textos, comentários etc.) não é assimilado ao acervo de dados, sendo descartado oportunamente.

10 E. Zaretsky, *What Computers can't do*, *London review of books*.

11 L. Chapman. *Artificial Analysis?* - *Notes - e-flux*, 22 jan. 2025.

a IA possibilita estabelecer  
um divisor de águas entre  
dois aspectos da interpretação:  
a dimensão hermenêutica  
e a dimensão transferencial

ela (a interpretação) *não* é uma fantasmagoria, um delírio, uma criação arbitrária ou fraudulenta da cabeça do analista e, sim, o produto de um conjunto de premissas teóricas firmes e consistentes que, ao ser usado por diferentes analistas, produz significados semelhantes? Fosse a interpretação psicanalítica uma impostura, uma farsa (como ainda insistem em dizer alguns em ataques depreciativos à psicanálise), seria possível a coincidência entre a interpretação do analista e a do *chatbot*?

3. A IA está sendo usada na medicina em programas que recebem a história clínica do paciente e os exames relacionados, com esses dados produz hipóteses diagnósticas e propõe condutas terapêuticas que coloca à disposição do clínico. Não é legítimo pensar algo semelhante em relação à psicanálise? O *chatbot* poderia vir a ser uma forma promissora de checar nossas próprias interpretações? Poderia ser ele um “supervisor hermenêutico” a ser complementado com os aportes do supervisor humano?
4. Mais ainda, um *chatbot* programado com o conhecimento psicanalítico poderia oferecer funções terapêuticas nos atendimentos de massa? Seria essa uma forma de tornar acessível a psicanálise para grandes populações?
5. Como ficaria a ética nessas circunstâncias? Os *chatbots* dirigidos a atendimento psicoterápico têm rígidos protocolos ligados à confidencialidade. Mesmo assim, seria necessário estabelecer critérios especiais ou são



suficientes os cuidados já existentes e praticados, por exemplo, na publicação de casos clínicos?

6. Atualmente o conteúdo do ChatGPT provém de material liberado dos direitos autorais pelas leis norte-americanas e disponíveis na internet. No futuro as questões legais em torno dos direitos autorais poderão estar superadas, e os textos originais dos trabalhos científicos estarão diretamente disponíveis. Se hoje em dia, com todas essas limitações, ela nos surpreende com sua potência, podemos imaginar como será quando puder funcionar a pleno vapor.

Como disse, essa é apenas uma “experiência” simples que deve ser repetida por muitos e ampliada, em todos os sentidos, para nos certificarmos de que a IA pode ser um instrumento inestimável no ensino e difusão da psicanálise, um poderoso aliado e não um “exterminador do futuro” que a vai destruir.

Compartilho essas interrogações, expectativas ou provocações no intuito de que as pensemos juntos, desejando que nos sirvam de estímulo para penetrar sem medo nas novas veredas que se abrem à nossa frente, confiantes de que nosso saber é consistente e se enriquecerá no embate com o novo.

#### Referências bibliográficas

- Chapman L. (2025). Artificial Analysis? *e-flux notes*, 22 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/notes/651025/artificial-analysis>>.
- Eliot L. (2024a). How psychoanalysis can be used to study AI's complexities (*forbes.com*).
- \_\_\_\_\_. (2024b). Using generative AI as your own Sigmund Freud Psychoanalyst to freely reveal your deep-rooted personal issues (*forbes.com*).
- McAllen J. (2024). The therapist in the machine. *The Baffler*, n. 72. Disponível em: <<https://thebaffler.com/salvos/the-therapist-in-the-machine-mcallen>>.
- Possati L. (2022). *Psychoanalyzing artificial intelligence: the case of Replika* | AI & SOCIETY (*springer.com*).
- Telles S. (2024). Observações sobre ética em psicanálise. In *Ensaio clínico*. São Paulo: Blucher, p. 87-107.
- Zaretsky E. (2024). What Computers can't do. *London review of books*. Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/blog/2024/september/what-computers-can-t-do>>.

#### From Tokyo toilets to ChatGPT: a brief analytical experiment

**Abstract** The author reports a simple experiment he conducted with ChatGPT, asking it to interpret a film, a “dream,” a child’s request, and a “clinical situation,” aiming to compare his own interpretations with those provided by it. The relevance and accuracy of the interpretations produced by ChatGPT sparked reflections and questions that the author shares with readers.

**Keywords** psychoanalytic interpretation; dream; ChatGPT; psychotherapeutic use of artificial intelligence; future projections.

**Texto recebido:** 01/2025.

**Aprovado:** 03/2025.